



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A MEMÓRIA E A GEOGRAFIA SOCIAL COMO APORTES TEÓRICOS PARA A (RE) CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE MULHERES DE RIO DE CONTAS- BAHIA.

Nerêida Maria Santos Mafra Benedictis
(UESB)

Prof^ª. Dr^ª Rita Maria Radl Philipp*
(UESB)

RESUMO

A proposta delineada tem por finalidade, realizar uma discussão, ainda incipiente, acerca da produção da tese de doutoramento, intitulada “Memória e Geografia Social de mulheres em Rio de Contas - Bahia: a participação feminina no processo de construção de uma sociedade”. As reflexões serão constituídas levando-se em consideração as concepções teóricas sobre: a Memória, como um meio para a reconstrução da memória das mulheres estudadas, tendo como base os testemunhos e a prova documental; à Geografia Social, em que se fará uma análise desse ramo da Geografia Humana numa perspectiva geográfica do espaço, como categoria de análise da Ciência Geográfica, que identificará no espaço público e no privado, as relações instituídas entre os homens e as mulheres. As análises realizadas serão de suma importância para a apropriação sobre o contexto histórico e social que deram origem ao conhecimento sobre as mulheres e para a (re) construção das memórias femininas de mulheres latoeiras, comunistas, rezadeiras, educadoras e parteiras que permaneceram, por muitos séculos, invisíveis à história oficial.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, Geografia social, conhecimento de mulheres.

*Doutoranda em Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Professora do Departamento de Geografia da UESB, Grupo de Pesquisa Museu Pedagógico. nereidamafrabenedictis@gmail.com

*Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Directora do Centro Interdisciplinar de Investigações Feministas e de Estudos de Xénero (Cifex), Facultade de Ciencias da Educación, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela- España. cprita@usc.es.



INTRODUÇÃO

O estudo sobre as mulheres se constitui como um importante campo do saber que ainda carece de pesquisas, sobretudo, no que diz respeito ao seu papel na sociedade. Destaca-se que, tal importância, se deve às mudanças históricas que ocorreram na sociedade e que impulsionaram novos espaços para as mulheres, especialmente no espaço público.

A cidade de Rio de Contas- BA foi um importante centro aurífero, da Chapada Diamantina, durante os séculos XVII e XVIII, possuindo uma vinculação na formação da sociedade, com o processo de mineração. Essa realidade favoreceu o crescimento urbano e possibilitou o surgimento de novas atividades econômicas, produzindo marcas na arquitetura da cidade com a construção de grandes casarões e prédios, e em relação à população, desenvolveu novos valores, nas artes, educação e, sobretudo, novos hábitos e costumes.

Essa cidade é o espaço do saber das mulheres, que tiveram uma expressão na organização da sociedade, como educadoras, latoeiras, comunistas, rezadeiras ou parteiras. É certo que o estudo sobre a Memória e a Geografia social de mulheres em Rio de Contas, devido a escassez de fontes, se constitui, como um campo em construção. Por isso, há lembranças que precisam ser testemunhadas, pesquisadas e analisadas. É um percurso que exige um olhar sem convencionalismos presentes nas fontes documentais e no espaço social da cidade, o que requererá a sua veracidade.

É, também, o momento de compreender as mudanças, contextualizando o que aconteceu no espaço e no tempo, com os seus sujeitos, em particular, as mulheres. É o movimento da lógica constituída, que desempenhou um papel no processo histórico de transformar mentalidades, ideologias, arraigadas na memória individual e coletiva.

O INÍCIO DO TRABALHO DE CAMPO



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Para a compreensão sobre a participação e a relevância do papel das mulheres nessa sociedade, buscamos, junto à população da cidade de Rio de Contas e das comunidades de Barra, Bananal e Mato Grosso, situadas em seu Município, a indicação de mulheres que foram expressão para a população. A partir da pesquisa explorativa, foram indicados os nomes de: Maria Madalena Brandão dos Reis (cidade de Rio de Contas), D. Ana Silva (cidade de Rio de Contas), Euflozinda Novaes da Silva (cidade de Rio de Contas), Guiomar Neves (cidade de Rio de Contas), Ana Carolina Aguiar, conhecida como Sá Ana da Comunidade de Barra e Bananal, e Aurora Ramos Lima do Povoado de Mato Grosso.

O que há de novo na indicação desses nomes para a Memória e a Geografia Social do Município? Com exceção de D. Aurora, que era branca e educadora possuindo formação até a 4^a série primária, as demais são negras, iletradas e possuíam um papel significativo no espaço público dessa sociedade. Alguns relatos apontam um caráter de resistência frente a uma sociedade preconceituosa e discriminadora. A discriminação não era apenas por ser mulher, mas também pela cor, condição social e por serem, também da zona rural. Outro fator importante é a base temporal da pesquisa, todas essas mulheres foram contemporâneas, por isso ao rever os testemunhos, os registros de nascimento e de óbito, verificamos que essa base deveria compreender o período de 1900 a 1990.

Abordar sobre a memória e a geografia social de mulheres em Rio de Contas- BA é um desafio, pois remete a questões estruturais de uma sociedade tradicional e conservadora. Contudo, em sua memória social reverencia essas mulheres como atuantes, revolucionárias, mulheres que não se calavam diante das injustiças sociais, eram líderes e conselheiras. Diante disso, uma proposição mobilizará o caminho da pesquisa: a de que a memória social de Rio de Contas multireferencia a mulher como sujeito ativo na organização política, social e econômica do Município.

O objetivo central desse estudo foi esboçado para permitir o conhecimento dos testemunhos, das condições de vida das mulheres indicadas pela população riocontense



e para uma posterior análise da Memória e da Geografia Social no processo de organização da sociedade de Rio de Contas – BA.

Conhecer o papel da mulher nessa sociedade é adentrar no seu espaço de vivência. Esse lugar é onde as relações sociais são concretizadas por meio dos quadros sociais que a compõem. Esses quadros são estabelecidos por uma rede de relações sociais e são representados pela Família, Igreja, Estado, Escola, etc.

Pensar sobre o espaço de vivência é refletir o espaço social, sobre a Geografia Social, isto é, no modo de viver de uma sociedade, da sua organização, normas, ideologias, do seu processo de desenvolvimento, de suas relações, contradições, comportamentos, instituições.

Portanto, o estudo sobre a geografia social, especificamente, de mulheres deve refletir sobre os aspectos que definiram o lugar dessas mulheres no espaço de Rio de Contas, não apenas físico, mas, sobretudo, social, no mundo privado e público das relações sociais. Esse conhecimento investe a geografia com a possibilidade de estudar sobre os povos, as raças, as religiões, a vida econômica, a cultura, a política e as mulheres. Pois essa ciência poderá nos fornecer a visão de mundo que acrescentará e abrangerá a distinção entre os espaços públicos e privados, associados à mulher e ao homem.

REFLEXÕES IMPORTANTES PARA O ESTUDO

A organização do espaço social, por meio dos quadros sociais, permite a ordenação de uma estrutura que marca o papel de cada indivíduo na sociedade. Nessa forma de organização e no papel que cada sujeito realiza, surge a estratificação social. Esta, por sua vez, compreende a divisão hierárquica estabelecida entre os sujeitos dentro dessa estrutura, os quais possuem papéis diferenciados, aqui representados pelas mulheres e homens.



Essa compreensão parte da concepção de que não é apenas o aspecto econômico o motivador das desigualdades na sociedade, pois, se assim o fosse, a mulher estaria atrelada a uma determinada classe e não sofreria discriminações. No entanto, não é isso que se observa na história das mulheres, pois, tanto as que pertencem a um nível elitizado da sociedade, como as que pertencem a uma classe menos abastada são vítimas do preconceito e discriminação. Portanto, é necessário identificar, nos grupos, os aspectos culturais, econômicos, políticos e sociais que influenciam no comportamento, no modo de ser e ver de cada sociedade no tempo e espaço.

Estudar sobre os aspectos da vida das mulheres na sociedade riocontense é aprender sobre os seus valores e a sua memória como uma construção social, finita e no tempo. Para Halbwachs (2006), na sociedade há uma diversidade de comportamentos, intenções, anseios, e, essas características se materializam por meio das relações sociais. Diante disso, algumas questões nortearão o trabalho: a) Onde as mulheres aparecem nessa sociedade? Por que galgaram essa confiança? Qual a expressividade dessas mulheres para a sociedade riocontense? A posição que assumiram era decorrente de alguma formação?

Essa visão atribui à memória a função de fomentar a relação entre os membros de um grupo, tendo por base o seu passado coletivo, com valores e significações. Dessa forma, a memória coletiva é o lugar de ancoragem da identidade do grupo, de base comum, cujas características atribuem a sua continuidade no tempo e no espaço (ibidem).

Usando Simone de Beauvoir (1949), ponderamos sobre algumas questões, que não fazem parte do nosso objeto de estudo, mas que compõem o quadro para conhecimento sobre o papel da mulher na sociedade de Rio de Contas: ser mulher compromete as suas vidas? Quais as possibilidades oferecidas, e quais lhes foram negadas? Qual a condição feminina? Como superar as desigualdades?

Esse conhecimento permitirá a utilização da Geografia Social e da memória como importantes recursos para a concepção do comportamento e da situação das mulheres



em sociedade. Pois, sabemos que esse conhecimento compreenderá a análise do sujeito envolvido em relações com outros, sendo o espaço o meio que concede a conexão entre os acontecimentos. O espaço é o alicerce para compreensão do mundo vivido, portanto é a totalidade das ações e interferências do meio onde o sujeito se encontra. E, a memória, a base para a experiência vivida, o exercício de transmissão e tradições que são expressas pelos sujeitos por meio dos grupos de que participa.

Os trabalhos alusivos às mulheres, nesse período, possuem certa limitação em relação às fontes documentais. A pesquisa realizada no Arquivo Público Municipal de Rio de Contas retrata muito pouco sobre as mulheres. E, no caso das mulheres selecionadas, em virtude de sua condição social, não foi encontrado nenhum documento sobre a vida delas, as quais, de forma discreta, vivenciaram esse período histórico e contribuíram, para a organização da sociedade riocontense.

O presente estudo abrange uma discussão complexa, que envolve os aspectos epistemológicos sobre o conhecimento das mulheres. Portanto, é um processo que deverá ser aprofundado por meio de uma investigação científica, tendo como base uma concepção epistemológica- crítica- emancipativa. Tal percepção é de suma importância, pois requer um maior embasamento teórico-metodológico para as investigações empírico-teóricas.

A BASE TEÓRICA DA PESQUISA

A abordagem pretendida pauta-se, principalmente, em três campos de estudo: da *Memória*, da *Geografia Social* e do *Conhecimento sobre as mulheres*. Assim, no que concerne à *memória*, buscamos o suporte teórico, especialmente, em Halbwachs (2004, 2006), Ricoeur (2007), Benjamim (1986, 1987) e Ochoa (2005). No que se refere à *Geografia Social*, encontramos o referencial teórico em Santos (1977, 2002), Soja (1989), Carlos (2005) e Malheiros (1994), entre outros. E, em relação ao *Conhecimento sobre as mulheres*, encontramos em Philipp (2008, 2010), os elementos norteadores para a



compreensão do papel, do conhecimento e dos direitos das mulheres. Assim, abordaremos, de modo sucinto, algumas questões pertinentes aos campos mencionadas, os quais serão usados no trabalho.

A MEMÓRIA

Em razão dessa realidade, o estudo sobre a memória se constitui como um importante campo do saber e demarca uma multiplicidade de conhecimentos. Tomando como base os estudos de Durkheim, o sociólogo francês Maurice Halbwachs, em 1925, em sua obra “Os Contextos Sociais da Memória”, compreende uma impossibilidade na concepção das recordações e na localização das lembranças fora de um contexto social real, necessário na reconstrução da *memória* (2007). Para o autor, é impossível conceber a *memória* fora das relações sociais dos grupos, já que ela é produto do pensamento coletivo.

Essa visão ultrapassa a dimensão da memória individual, pois a *memória* não seria apenas do indivíduo, uma vez que, não está materializada nos corpos ou mentes e sim na sociedade circundante através dos grupos sociais que a compõem. Diante disso, a *memória* é concebida como um fato social delimitada por meio dos padrões de comportamento (HALBWACHS, 2007).

Esse pensamento nos conduz a compreensão da *memória* como dotada de uma coerção social, é exterior ao indivíduo. Por isso, não é um fenômeno orgânico e nem psíquico, pois emerge nas representações e ações de uma coletividade. Com essa concepção sociológica, Halbwachs tem a noção de que a *memória* está sujeita aos quadros sociais, como a Família, a Igreja, o Estado, etc., essa lógica é incorporada ao contexto das representações coletivas vinculadas ao cotidiano dos grupos com a tradição. Assim, a construção da *memória*, nos indivíduos, manifesta-se por meio de uma disposição eventual das memórias dos diferentes grupos. Para o autor, a memória



coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas e não ultrapassa seus limites, ou seja, o seu tempo.

Essas memórias individuais e do grupo são atestadas por Ricoeur (2007), quando traz a discussão sobre a veracidade do testemunho como uma ferramenta metodológica para o campo da *memória*. O autor concebe a *memória* como a guardiã do que "efetivamente ocorreu no tempo", é uma matriz da história. Ela inicia por meio do testemunho, a chamada memória declarativa que se localiza no espaço-tempo histórico dos grupos, na sociedade. Essa visão conduz à compreensão da *memória* como capaz de remeter ao passado por algum acontecimento que ficou guardado, arquivado na mente humana. Ricoeur reflete sobre o que está sendo e foi escrito, afirmando que o conhecimento não tem início nos registros e sim com os testemunhos.

O autor promove uma viagem filosófica no capítulo que retrata sobre a *Fase documental: a Memória arquivada*, em sua obra *A memória, a história, o esquecimento*, discutindo sobre o constitutivo dos testemunhos para a pesquisa e nos chama atenção para a confiança em relação aos testemunhos, pois é o momento de atestar com a prova documental, isto é, a memória viva e a história escrita. A memória seria um recurso importante para o conhecimento de um determinado fato, por meio do testemunho.

A relação da memória viva com a história escrita reflete à discussão que se faz sobre a veracidade do testemunho para a História. Pois, para esta, os documentos traduzem certa eficácia que os conduzem a uma segurança sobre o que está sendo construído. Contudo, Benjamin (1987, p. 224) ao buscar uma compreensão da sociedade moderna enquanto crítico da filosofia do progresso assinala que "articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como ele de fato foi", visto que é uma reminiscência. Em virtude disso, o autor indica que a memória é um recurso de exploração do passado (Ibidem, p. 239). Por isso, é necessário escavar com certo cuidado para não torná-la reprodutora de histórias.

Para Benjamin (1986), a escrita da história está intrinsecamente ligada às questões relacionadas a uma prática política e à narração, por isso o autor produz as



suas teses questionando sobre “[...] o que é contar uma história, histórias, História?” (p. 07). Esse autor indica uma desconstrução do que ele denominou de repetição histórica, em um tempo que não é vazio e nem homogêneo, pois a historiografia oficial, positivista, disseminou a história dominante sobre o progresso e a modernidade da sociedade capitalista, sendo, portanto, reproduzida de forma linear, ratificando a visão dominante.

Dessa maneira, qual o lugar do testemunho nessa história? Como é uma concepção linear e positivista, o testemunho perde importância ao ser submergido por uma gama de documentos. Sem os testemunhos, a memória perde sentido e torna-se absorvida pela historiografia. Dessa forma, o lugar dos acontecimentos, o espaço habitado, lugar de base para a memória coletiva e a individual, se desfigura (RICOUER, 2007).

A GEOGRAFIA SOCIAL

Ao considerar os aspectos acima, é importante ressaltar que, o espaço habitado é, para a *Geografia*, o lugar de vida das mulheres, dos homens e das crianças, ou seja, o espaço social, criado por meio das relações sociais e do trabalho. A concepção que se tem para efetivação desse trabalho é que dessa totalidade surgem outros aspectos, como a ciência, os saberes, as artes, a política, o social, os direitos, etc. Dessa forma, a apreensão da totalidade é um exercício fundamental para o conhecimento das partes e do seu funcionamento.

No que se refere à *Geografia Social*, parte da Geografia Humana, cujo surgimento se deu na França, em meados da década de 1960, impelida por explicações marxistas sobre a sociedade, adotou a ordenação espacial como resultado das relações sociais de produção, envoltas numa estrutura de classes. Porém, nas décadas de 1970 a 1980, período de intensos movimentos sociais, entre eles o movimento feminista, existiram novas discussões sobre as desigualdades sociais, as quais foram abarcadas pela Geografia Marxista (MALHEIROS, 1994).



Tendo consciência dessa complexidade, alguns geógrafos, ligados à *Geografia Social*, pautaram novamente sobre as desigualdades sociais. Deste modo, incorporaram a dimensão da injustiça social, especificamente, sobre as temáticas do patriarcalismo e o racismo, que embora tenham uma analogia com a estrutura de classes, não procedem, unicamente, dela (MALHEIROS, 1994). Sobre isso, Soja (1989, p. 74) reflete que, a Geografia Humana “[...] deve voltar-se para as lutas emancipatórias de todos que são marginalizados e oprimidos pela geografia específica do capitalismo [...], trabalhadores explorados, povos tiranizados e mulheres dominadas”.

Tais considerações apontam as dimensões de gênero e raça como temáticas que devem ser apropriadas pela *Geografia Social* contemporânea, introduzindo a visão de que sexo e raça devem ser considerados no interior das discussões. Nesse contexto, a *Geografia Social* estuda o espaço humano ou social expresso no meio de vida do homem, por isso, é mutável no processo histórico, é social. Conforme Santos (2002), o espaço é o conjunto de formas e funções que são testemunhas da história “[...] escrita por processos do passado e do presente” (p.153). Portanto, não há como estudar a memória de mulheres de uma dada sociedade sem conceber esse conjunto de representações das relações sociais do passado e do presente.

O espaço da sociedade materializa-se como produto, de forma diferenciada, logo, torna-se uma arena de lutas dos diversos grupos, assentada por conflitos decorrentes de contradições inerentes às diferentes necessidades e aos pontos de vista de uma sociedade de classes. Em oposição a essa realidade, surgem os movimentos sociais ancorados, sobretudo, nesses conflitos, da luta entre o mutável e o permanente, o racional e o irracional. Assim, para compreender a sociedade bem como a sua dimensão social e histórica é necessário entender o espaço onde ela se situa o seu cotidiano, o modo de vida.



O CONHECIMENTO SOBRE AS MULHERES

Para compreendermos como se deu o interesse pelo conhecimento sobre as mulheres, buscamos em, Beauvoir (1949), em sua obra, intitulada *O Segundo Sexo*, a concepção sobre a história geral da condição da mulher e suas experiências na sociedade moderna. Porém, algumas reflexões da autora serão rechaçadas nesse trabalho, isso por entender que a mulher não é vítima e nem cúmplice do domínio masculino, ao contrário, ela é resistente.

Beauvoir retrata com muita minuciosidade a cerca da história das mulheres, da luta pelos direitos políticos, de estudar, de poder sair do espaço privado e ser uma cidadã no espaço público. A autora faz a comparação da condição feminina com os vassalos negros, o problema delas não seria apenas de cor e sim com as relações que foram estabelecidas com os homens, uma relação sexista. Para a autora, a mulher não possui passado e nem história própria, essa circunstância lhes foi retirada, foi transformada em virtude da maternidade.

No entanto, a filósofa busca descrever essa condição feminina, mas não o faz numa lógica do movimento feminista, seria como uma exposição da situação das mulheres de como aconteceu durante muitos séculos. Ela não nos oferece uma maneira de olhar para essas mulheres e ter a concepção de que a sua história existe e que precisa ser escrita, estudada, conhecida. Em verdade, a autora não aponta para um estudo sobre o conhecimento sobre as mulheres, apesar da sua importante contribuição para esse estudo.

Philipp (2008) confirma que as investigações sobre as mulheres e de gênero apontam, nas ciências sociais, para uma neutralidade axiológica do conhecimento, partindo de uma visão androcêntrica, ou seja, uma relação hierárquica de dominação na qual as mulheres são concebidas como inferiores pelos homens, ou seja, uma visão de dominação. Essa neutralidade axiológica da ciência moderna tem sido amplamente criticada, pois exacerba seus critérios por meio de uma legitimação ideológica da



desigualdade, uma limitação dos processos de investigação, partindo da universalidade e objetividade da ciência, sem, contudo, fazer uma reflexão da conjuntura do processo social e histórico.

A autora reflete que as discussões atuais sobre gênero são parte da estrutura social que estabelece novos papéis para ambos os sexos e, portanto, requer uma nova concepção de identidade, tanto para as mulheres como para os homens. Para a autora, torna-se necessário uma nova redefinição dos papéis masculino e feminino, sobretudo, no que diz respeito aos espaços doméstico privado, público e do trabalho-extradoméstico.

Conforme Philipp (2008) é necessário que o gênero masculino também assuma as funções que eram tradicionalmente desempenhadas pelas mulheres. A autora defende uma nova concepção de identidade de gênero masculina e feminina, sobre a qual se estabelece os valores do cuidado, ancorada em orientações de moral e justiça num plano horizontal e não vertical. Torna-se essencial uma recuperação dos valores que foram imputados historicamente à memória coletiva feminina, bem como a compreensão de um caráter epistemológico com os valores do cuidado por meio de uma visão feminista.

A PARTE METODOLÓGICA

O presente estudo possibilitará, além do conhecimento das mulheres, a valorização da sua expressão, do seu testemunho e do seu lugar no espaço/tempo. Em relação à Geografia, será um desafio estruturar esse estudo fora da perspectiva tradicional, a qual referencia a mulher, por meio da condição humana, numa dimensão social que se configura, sobretudo, por descrições e análises de temáticas envolvendo, em certa medida, um caráter exclusivamente masculino.

Deste modo, para distanciarmos dessa configuração, será realizado um conhecimento sobre a situação da mulher nos grupos sociais, com o objetivo de situá-las no tempo e espaço, pois tanto o tempo como o espaço possuem um papel relevante para



a conservação da memória (OCHOA, 2005). Assim, o estudo será realizado por meio de uma concepção social, bem como por sua representação do espaço feminino no interior dos grupos, seja ele privado ou público.

Nesse contexto, qual a expressividade dessas mulheres para a sociedade de Rio de Contas? A posição que assumiram tem uma relação direta com alguma formação? Para dar suporte a essa pesquisa, utilizaremos a memória biográfica, isto é a memória das experiências pessoais que foram vividas pelas mulheres em um contexto social (OCHOA, 2005).

Deste modo, torna-se importante definir a concepção de espaço adotada para a pesquisa. Nossa concepção se baseia na visão de Santos (2002), que concebe o espaço como humano ou social. De acordo com esse autor, o espaço social também é o espaço geográfico, ele é “[...] testemunha da memória do espaço construído das coisas fixadas na paisagem criada” (p.173).

E, para apreender a memória das mulheres nesse espaço, apropriaremos da noção do sociólogo francês Maurice Halbwachs (2006) sobre a memória social ou coletiva. O lugar da construção da memória é no espaço, ambiente dos grupos, nos aspectos da vida e da estrutura da sociedade, porque ele traz a marca dos grupos sociais e, sem o qual, nenhuma memória coletiva se desenvolveria.

Isso significa dizer que cada detalhe do espaço diz respeito aos membros dos grupos, pois o lugar por eles ocupado possui uma estrutura e estilo de vida que lhes são peculiares, pois os grupos se fecham na conjuntura que construíram. Dessa forma, os grupos se vinculam a um determinado lugar/espaço, pois essa relação os torna próximos e cria entre os seus membros as relações sociais.

CONCLUSÕES

O espaço social é um espaço de disputas, e como a memória da mulher está inserida nele, relaciona-se às experiências vividas, às lembranças, portanto, é um espaço



carregado de testemunho e linguagem. Por conseguinte, essa tese, se constitui como um grande desafio teórico-metodológico. Tal desafio se expressa pela própria temática que é nova para a minha experiência como geógrafa. Esperamos que, através do diálogo entre os conceitos apontados e os demais que poderão ser acrescentados, tendo em vista que o trabalho está em andamento, possamos apreender aspectos importantes para a construção de uma memória e geografia social de mulheres mais justa e coerente.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. - Rio
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.
- _____. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2ª edição, 1986. 331 p.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. - São Paulo: Centauro, 2006, 224p.
- _____. **Los Marcos Sociales de La Memória**. Trad. De Manuel A. Baeza y Michel Mujica - Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; Concepción: Universidad de La Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004. 431p.
- MALHEIROS, J. M. **Tendências recentes na Geografia Social: o estudo dos grupos desfavorecidos**. Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras de Lisboa. 1994.
- OCHOA, M. M. Los estudios sobre La memoria y los usos Del pasado: perspectivas teóricas y metodológicas. In: **Cuadernos de Ciencias Sociales, Costa Rica de la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales**. Primera edición: febrero 2005.
- PHILIPP, R. R. Questões epistemológicas sobre gênero: o debate atual. In: **Publicatio Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes, Vol. 16, No 1 (2008)**. Site: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/613>.
- _____. **Sociologia Crítica: Perspectivas Actuales**. Ed: Síntesis. Espanha, 1996.
- _____. Aspectos epistemológicos de las investigaciones de las mujeres y Del género. In: **Investigaciones actuales de las mujeres y Del género**. Org.: Rita Mª Radl Philipp. Santiago de Compostela: Universidade, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2010. 295 p.
- RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo-SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
SOJA, E. **Geografia Pós-moderna**. Verso, Londres, 1989.